

ENTRE AQUILES E SUPERMAN: A PERMANÊNCIA DO MITO DO HERÓI.

Jennifer Andressa da Silva Cabrera (IC) e Angela Zamora Cilento (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO: Nossa pesquisa se debruçou sobre a investigação da figura do herói que remonta à Grécia clássica tendo por base a narrativa homérica e que, ao fim e ao cabo, serve de modelo para a educação helênica, bem como buscamos compreender em que medida as categorias da figura do herói grego estão presentes no herói contemporâneo à luz da narrativa fictícia do Superman. Este processo nos permitiu empreender um estudo comparativo entre as narrativas mítica e fictícia que nos ajudarão a compreender tanto as mudanças quanto as permanências dos valores herdados da cultura helênica quando do estudo comparativo dos heróis Aquiles e Superman. Para tanto, nos valem de obras de referência a partir de uma leitura sistemática que nos permitiu levantar as características do herói e suas categorias. Neste estudo também apresentamos a relevância da permanência da figura do herói na atualidade que pode servir de exemplo na educação dos jovens por meio de valores dignificantes.

Palavras-chave: Herói; Aquiles; Superman.

ABSTRACT : Our research focused on the investigation of the figure of the hero that dates back to classical Greece based on the Homeric narrative and which, after all, serves as a model for the Hellenic education, as well as seeking to understand the extent to which the categories of the figure of the Greek hero are present in the contemporary hero in light of the fictional narrative of Superman. This process allowed us to undertake a comparative study between the mythical and fictional narratives that will help us to understand both the changes and the permanence of the values inherited from the Hellenic culture when studying the comparative study of the heroes Achilles and Superman. Thus, we use relevant studies and papers from a systematic reading that allows us to raise the characteristics of the hero and its categories. In this study, we also present the relevance of the permanence of the hero figure today, which can serve as an example in the education of young people through dignifying values.

Keywords: Hero; Achilles; Superman.

1. INTRODUÇÃO

Oskar Negt, em *Espaço Público e Experiência*, inicia seu texto apontando para a crise histórico-social que vivemos, uma crise de valores. Para ele, os valores antigos não possuem o mesmo peso de antes, mas também não há novos valores nos quais possamos nos assentar – há, portanto, um vácuo moral. “Nesse vácuo moral se movem muitas pessoas que não têm uma noção clara do que seja certo e do que seja errado.” (NEGT, 2002, p.17). O pensador associa esta crise de valores à interferência de questões de ordem econômica. Ora, “se as pessoas não sabem aonde vão, o capital lhes oferece metas às quais deverão dirigir-se.” (NEGT, 2002, p.18).

O avanço do sistema capitalista vem esfacelando as “camadas de proteção e de domesticação do capitalismo.” (NEGT, 2002, p.19), tornando-se predatório, prejudicando algumas tradições e a vida dos seres humano. Negt se utiliza da União Soviética para ilustrar que esta serviu de contraste ao capitalismo que, por sua vez, passou a criar pautas de proteção aos trabalhadores. Entretanto, hoje este antagonismo é inexistente e o capitalismo não encontra mais concorrentes.

Hoje podemos dizer que já não se trata de economia, de economia nacional, mas de administração de empresas, de uma economia voltada à empresas isoladas. Todos os custos economizados na empresa particular são repassados às outras. Assim forma-se um grande sistema de repasse em que aquele que economiza demitindo trabalhadores, por exemplo, repassa os custos do desemprego aos outros e, finalmente, à sociedade como um todo, que acaba pagando a conta.” (NEGT, 2002, p.19)

Desta forma, o capitalismo venceu e toma proporções inimagináveis com a política neoliberal. Para que uns tenham muito, uma grande parte sofre as consequências catastróficas de sua aplicação. Miséria, fome e desemprego, jornadas de meio expediente, a alternância entre atividades lícitas e os ‘bicos’ para complementação de renda: o trabalhador cada vez mais precarizado e desorganizado.

A contemporaneidade se apresenta como um cenário desolador: grandes fortunas não são taxadas de acordo, empresas agem sem pensar no meio ambiente e destroem o planeta. Tudo isso para que apenas alguns possam desfrutar cada vez mais dos recursos e possibilidades que a vida oferece. Negt trata justamente sobre a corrosão dos valores morais, pois o único valor que importa é o do ganho de capital. Muita produção com cada vez menos mão-de-obra (NEGT,2002, p. 20). Não há mais o repasse dos lucros para

setores cruciais da sociedade: não há mais um investimento, mas especulação crescente para os ganhos do capital. 'O mundo é uma grande bolsa' (NEGT, 2002 p. 20).

A erosão dos valores morais associada às incertezas quanto ao futuro – pessoal e planetário, acentuam a complexidade da vida contemporânea, de modo que as categorias de análise se tornam insuficientes para a sua interpretação. Neste cenário, são os jovens os mais afetados por esta conjuntura, pois há o esvaziamento de valores dignificantes. As inovações tecnológicas lhes têm proporcionado recursos para a informação, o que não significa necessariamente que consigam filtrá-la de modo criterioso, ademais nem sempre encontram em seu entorno valores nos quais possam pautar suas vidas.

Mas há algo que resiste ao tempo - podemos encontrar além dos livros, um material produzido nos quadrinhos e no cinema que evocam a permanência do mito do herói, portador de valores que educam, que serve de modelo e apoio para gerações futuras, apesar de sua factibilidade recentemente. Então, eis a questão: o que motiva os jovens a lerem e ou assistirem sobre estas narrativas?

Diante deste contexto e pela crescente procura - e, conseqüentemente, produção em larga escala de filmes e HQs de super-heróis - pelos jovens que nossa pesquisa procurará estabelecer a relevância da figura o herói, para a sua formação. Em seguida, visamos estabelecer de algumas analogias entre as narrativas mítica e fictícia (dos quadrinhos), representados respectivamente por Aquiles e Superman. Ambos são protagonistas de nosso imaginário, cada um a seu modo, pois nos cabe, dentro do universo filosófico, pontuar os conceitos que neles se revelam.

Interessante notarmos também que mesmo com a falibilidade recente dos super-heróis: ao invés de provocar o afastamento dos jovens, mais os têm aproximado destas produções. Ora, é justamente esta vulnerabilidade, que pode incentivá-los a determinadas ações dignas de imitação. Seus atos podem servir de exemplo vivo, assim como, Aquiles o foi para os gregos, exemplo de coragem e de amor à vida. É sobre estas questões que pretendemos dissertar neste trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Se, por um lado, podemos considerar os poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisséia*, como as grandes produções culturais gregas, produções estas que partem dos mitos, apresentam os heróis repletos de glória e servem de exemplo vivo para a formação dos

helenos; por outro, encontramos seus vestígios na contemporaneidade na figura dos super-heróis.

A **Ilíada** é uma poesia épica com 15693 versos que tem sua origem nos cantos dos aedos de tradição oral, composta no período micênico. Posteriormente receberá sua versão escrita por volta do século VI a.C. Narra os eventos da Guerra de Tróia que teriam se dado por volta de 1200 a.C., embora não tenhamos provas históricas. A Guerra de Tróia acontece por conta do rapto de Helena por Páris, príncipe de Tróia, irmão de Heitor. Helena era casada com Menelau, rei de Esparta, irmão de Agammenon, rei de Micenas. Esta batalha, segundo a narrativa, teve a duração de 10 anos, pois alguns deuses estavam a favor dos gregos e outros, dos troianos. O término da guerra acontece após o estratagemas do cavalo de Tróia elaborado por Ulisses, ao conseguirem invadir a impenetrável fortaleza. A **Odisseia**, por seu turno, relata as façanhas de Ulisses, após a guerra, para retornar para casa, Ítaca, já que Poseídon, o deus dos mares, estava a favor dos troianos. Estes admiráveis homens e seus feitos são tomados como exemplos a serem seguidos pelos gregos.

Entre as narrativas homéricas e as narrativas fictícias podemos vislumbrar continuidades e rupturas que servem de mote à nossa pesquisa. Encontramos, guardadas todas as diferenças temporais e conceituais, a possibilidade de pensarmos uma educação na contemporaneidade a partir das narrativas mítica e fictícia, tomando como exemplos – Aquiles e Superman.

2.1 - Aquiles como parte do ideal grego de homem

Embora atribuamos a Homero as obras citadas acima, podemos notar que em várias passagens há referências de períodos muito anteriores à sua existência, mas o que nos interessa aqui é pensarmos que a educação grega no período homérico é calcada na prática de atividades físicas e nos saberes necessários para a vida em comunidade, lições aprendidas no seio familiar. Antes, contudo, suas obras apresentam um duplo ideal de formação: **na sabedoria e na ação**. Aquela corresponde à crença nos deuses olímpicos, as artes e ao domínio da língua. Esta apresenta a bravura, a honradez e a sabedoria a exemplo de Ulisses¹, Heitor e Aquiles. Cada um deles trazia consigo qualidades próprias e designavam parte deste modelo a ser apropriado. Aquiles é referenciado por Sócrates diante do júri que o condenaria: toma Aquiles como exemplo para justificar sua atividade

¹ Para MURARI e PEREIRA MELO, a Odisseia foi escrita posteriormente à *Ilíada* e retrata o tempo de paz. Ulisses representaria neste momento o homem, o marido e o pai de família que tem como maior virtude o uso da razão: “o homem já se encontra desenvolvendo a sua razão, e é por ela que ele está destinado a vencer suas dificuldades. A maior arma de Ulisses é a razão, não a razão que seria desenvolvida posteriormente pela filosofia, mas uma razão estritamente ligada à prudência, a engenhosidade, a percepção. Ulisses é astuto, e sagaz, e através desses atributos que ele se mantém vivo, como no episódio em que engana Polifemo.” (MURARI; PEREIRA MELO, 2009, P. 8)

filosófica ao ser perguntado se não teria medo de morrer². No herói estão presentificadas as ações e a sabedoria do homem grego – a paideia.

Nas palavras de Fonseca (1998, p.2) a gênese da educação grega deriva da tradição homérica em especial na obra *Ilíada*, e é justamente nela que surge um modelo ideal, um modelo a ser seguido pelos helênicos, cujo substrato é o conceito de *areté* (ἀρετή) “que exprime a forma primeira, original e originária, do ideal educativo grego”. (VIEIRA apud FONSECA, 2018, p.170).

Aquiles é filho do rei Peleu e da deusa Tétis - filha da união de Urano com Gaia. Aquiles é considerado quase imortal, posto que sua mãe o banhou no Rio Estige ainda recém-nascido, segurando-o pelo calcanhar, logo sua única parte vulnerável. O herói fora confiado por Peleu ao centauro Quíron, que também foi mestre de muitos outros heróis. Recebe uma educação diferenciada, posto que calcada nas narrativas das sagas mais antigas, ensinamentos sobre caça, artes cavaleirescas e medicina. A educação do herói está centrada na ideia de que ele deve atingir aos mais altos patamares da glória.

A narrativa do herói está ligada à Guerra de Tróia em especial ao nono ano da guerra, no qual, toda a ação ocorre nas praias onde estão acampados os guerreiros gregos e os muros de Troia.

O início de toda ação se dá através de um desentendimento entre Aquiles e Agammenon, comandante das tropas gregas, que acabou lhe tomando um prêmio obtido em batalha: o comandante obriga Aquiles a lhe entregar Briseida, donzela troiana que fora capturada. Logo, depois disso, o herói retira-se do acampamento e declara que voltará a Grécia. O herói grego pede então à sua mãe, Tétis, uma titânida que interceda junto a Zeus em seu favor. Então, Zeus passa a favorecer os troianos, para que sofrendo muitas derrotas, conclamem Aquiles para retornar ao campo de batalha e se retratem por toda a humilhação que o herói passara. Depois da morte de Pátroclo pelo príncipe troiano, Aquiles decide voltar para batalha e guerrear em favor dos gregos e promete que não irá enterrar o amigo enquanto não tiver matado Heitor. Em um momento memorável Heitor enfrenta Aquiles, ambos são representantes ímpares de honra e coragem. Vejamos esta passagem do Canto XXII:

² “No teu entender, não teria mérito os semideuses que pereceram em Tróia; entre eles o filho de Tétis, que desdenhava tanto o perigo em confronto com o passar por uma vergonha. Querendo ele matar a Heitor, sua mãe, uma deusa, lhe disse parece que mais ou menos estas palavras: ‘Filho, se matares a Heitor para vingar a morte de seu amigo Pátroclo, tu próprio morrerás: pois – dizia ela – o teu destino te espera logo depois de Heitor.’ Ele, apesar de ouvir a advertência, fez pouco caso do perigo de morte e, porque temia muito mais viver com desonra, respondeu: ‘Morra eu assim que castigue o culpado, mas não fique por aqui, alvo de risos junto das curvas naus, como um fardo da terra.’ (PLATÃO, 1978, p.25)

O grande Heitor do elmo reluzente falou primeiro a Aquiles: ‘Já não fugirei mais de ti, filho de Peleu, como fugi três vezes em torno da cidade de Príamo, sem poder enfrentar-te. Agora, porém, meu espírito impele-me a parar e enfrentar-te. Abater-te-ei eu ou serei abatido por ti. Dirijamo-nos aos deuses, que serão as melhores testemunhas e fiadores das combinações. Eis que não te mutilarei horrivelmente, se Zeus me der a vitória e eu tirar-te a vida.’ (...) Aquiles, o dos pés ligeiros, encarou-o desdenhosamente e disse: ‘Heitor, não é comigo que tu, o implacável, falarás em combinações. Assim como entre leões e homens não há juramentos solenes, nem lobos e cordeiros podem ter um espírito harmonioso, e sempre desejam o mal um do outro, assim não é possível que sejamos amigos, nem haverá juramento entre nós, até que um de nós se sacie com o sangue do outro o guerreiro Ares do escudo de couro de boi. Lembra de toda a tua habilidade, eis que em verdade, agora deves ser um lanceiro e um guerreiro valente. Não há mais salvação para ti, e Palas Atenéia, sem demora te vencerá pela lança. Agora hei de pagar, sem demora, a desgraça de meus companheiros, que mataste quando investias com tua lança.’ (HOMERO, 2011, p.242)

A partir da figura de Aquiles, podemos então, delinear o conceito de **areté** que está ligado tanto ao fato de ser nobre – ser virtuoso, ou seja, significa ser portador de uma excelência espiritual, mas também ser “dotado de força física, em constante aperfeiçoamento de suas potencialidades, é nele que se fundamenta o caráter aristocrático do ideal de formação dos gregos.” (JAEGER, 1995, p.34)

A *areté* engloba qualidades como habilidade, coragem, rapidez, destreza, sabedoria e poder de persuasão, méritos pelo qual o herói se destaca. Todavia, este conceito continua ser de difícil tradução para a língua portuguesa. Os feitos dos heróis são tomados como exemplos vivos pelos gregos. Nos dizeres do filósofo alemão Jaeger (1995, p.30), o herói-protótipo é Aquiles enquanto o modelo de uma moral aristocrática-guerreira potencializadora da *areté*.

O herói **não se nega à ação**, pois possui força suficiente para tal, ele não se omite, uma vez que, se negar a agir significa desonra: “Se um guerreiro hesita, se ele transgredir valores éticos, ele será apontado pela sociedade como indigno de ser lembrado. A falta de *areté* era descrita como uma falha, um erro (*kakótes*), trazendo uma má reputação e desonra (*atimía*).” (SILVA apud WESS, 2017, p. 65).

O conceito de *areté* abarca o termo *andreía* (ἀνδρεία), que usualmente é traduzido por força, coragem e vigor, destaca-se como um dos principais valores para o guerreiro da Antiguidade grega, seja ele tanto no período arcaico quanto no clássico. Dentro do campo de batalha, a *andreía* está associada à capacidade do guerreiro de “superar o medo a fim de alcançar uma meta pré-concebida” (SILVA apud BALOT, 2017, p. 65).

Retomando a passagem de Homero acima, não podemos deixar de mencionar a coragem de Heitor, um herói no plano do mundo dos homens, enquanto Aquiles tem uma ascendência divina, praticamente imortal. Ele se esquivou de Aquiles três vezes antes de

enfrentá-lo e temia que morresse pelas mãos do filho de Tétis. No entanto, preferiu a honra de morrer em combate: “Já não fugirei mais de ti, filho de Peleu, como fugi três vezes em torno da cidade de Príamo, sem poder enfrentar-te. Agora, porém, meu espírito impele-me a parar e enfrentar-te. Abater-te-ei eu ou serei abatido por ti.” (HOMERO, 2011, p.242)

Jaeger explica que o **eu** não é o sujeito físico, todavia, o mais alto Homem que nosso espírito consegue construir e que todo nobre visa efetivar em si próprio. Isto é, “Só o mais alto amor deste *eu*, em que está implícita a mais elevada *areté*, e é capaz de ‘fazer sua beleza’.” (JAEGER, 1995, p.35). De outra maneira, significa fazer de si mesmo uma ‘obra-de-arte’ (em alusão à filosofia nietzschiana: esculpir sua existência de tal modo que eleve sua autoestima a fim de ser imortalizado pela lembrança de suas ações.

Outrossim, *areté* não está somente restrita apenas ao indivíduo, antes serve como uma forma de **honrar os antepassados** que também alcançaram a excelência, ou seja, procura estimular a geração presente a equivaler os feitos das anteriores ou até mesmo superá-los. A autoestima leva o herói a viver uma vida que valha a pena – Jaeger afirma que “quem estima a si próprio deve ser infatigável na defesa dos amigos, sacrificar-se pela pátria, abandonar prontamente o dinheiro, bens e honrarias para ‘fazer sua beleza’.” (JAEGER, 1995, p.35).

O autor de *Paideia* ainda expõe que o filósofo Aristóteles ao se referir aos tempos homéricos exalta a coragem desses homens, mesmo que isso os leve a correr risco de uma morte trágica e prematura:

Quem está impregnado de autoestima deseja antes viver um breve período no mais alto gozo a passar uma longa existência em indolente repouso; prefere viver só um ano por um fim nobre, a fazer uma vasta vida por nada; escolhe antes executar uma única ação grande e magnífica, a fazer uma série de pequenas insignificâncias. (JAEGER apud ARISTÓTELES, 1995, p.35).

Dentro dessa concepção, e diferentemente do homem moderno, o herói homérico prefere ter um fim trágico provocado pelas suas ações levando-o à **hýbris**, a viver uma vida pacata e duradoura. O conceito de *hýbris* significa ultrapassar a medida (*métron*) – quando o orgulho se torna desmedido e ultrajando os homens ou aos deuses, Nemésis, a justiça divina cobra seu preço.

Na *Ilíada*, Aquiles comete a *hybris*, ao não respeitar o corpo de Heitor. Depois de matá-lo arrasta-o por três vezes em torno da cidade de Príamo, não permite que seja enterrado com as devidas honras e costumes religiosos, ficando exposto às aves carniceiras. Com isso, quase perdeu toda sua glória e estendeu a guerra por mais de um ano. Aquiles, por seu turno, será morto pelas flechas certeiras de Páris. BRELICH nos descreve um pouco mais sobre a trajetória do herói:

virtualmente, todo herói é uma personagem, cuja morte apresenta um relevo particular e que tem relações estreitas com o combate, com a agonística, a arte divinatória e a medicina, com a iniciação da puberdade e os mistérios; é fundador de cidades e seu culto possui um caráter cívico; o herói é, além do mais, ancestral de grupos consangüíneos e representante prototípico de certas atividades humanas fundamentais e primordiais. Todas essas características demonstram sua natureza sobre-humana. (...) E, embora o herói possua uma descendência privilegiada e sobre-humana, se bem que marcada pelo signo da ilegalidade, sua carreira, por isso mesmo, desde o início, é ameaçada por situações críticas. Assim, após alcançar o vértice do triunfo com a superação de provas extraordinárias, após núpcias e conquistas memoráveis, em razão mesmo de suas imperfeições congênitas e descomedimentos, o herói está condenado ao fracasso e a um fim trágico. (BRANDÃO apud BRELICH, 1993, p.19).

Logo, o herói, mesmo sendo dotado de habilidades que são potencializadas em cada embate, tornando-se vencedor, e reconhecido, acaba por cometer ações desmesuradas (hybris). Sua identidade guerreira é consumada através de sua morte juvenil em batalha, pois claramente o herói prefere acatar este destino trágico a ser fadado à desonra. Outro ponto a ser enfatizado na esfera da narrativa mítica é a lenda padrão:

[...] o herói descende de ancestrais famosos ou de pais da mais alta nobreza: habitualmente é filho de um rei. Seu nascimento é precedido por muitas dificuldades, tais como a continência ou a esterilidade prolongada, o coito secreto dos pais, devido à proibição ou ameaça de um Oráculo, pote, urna, barco, é abandonado nas águas, as mais das vezes, do mar. É recolhido e salvo por pessoas humildes: pastor, pescador, ou por animais e é amamentado por uma fêmea de algum animal, urso, loba, cabra... ou ainda por uma mulher de condição modesta. Transcorrida a infância, durante a qual o adolescente, não raro, dá mostras de sua condição e natureza superiores, o 'futuro herói' acaba descobrindo, e aqui as circunstâncias variam muito, sua origem nobre. Retorna à sua tribo ou a seu reino, após façanhas memoráveis, vinga-se do pai, do tio ou do avô, casa-se com uma princesa e consegue o reconhecimento de seus méritos, alcançando, finalmente, o posto e as honras a que tem direito. Mas, após tantas lutas, o fim do herói é comumente trágico. A grande glória lhe será reservada post mortem. (BRANDÃO, 1993, p.20).

Como já mencionado, o herói é possuidor de uma ascendência diferenciada, e seu nascimento já teria sido profetizado. É frequentemente exposto e separado do seu berço originário e sua história será descoberta apenas posteriormente. Via de regra, os heróis possuem um nascimento complicado como, por exemplo, Perseu³ e Hércules⁴ entre outros.

³ No mito de Perseu, encontramos o rei de Argos que teve uma filha, e como queria muito ter um filho foi consultar o Oráculo. Este não se atreveu a dizer nada além de que sua filha Dânae teria um filho que viria a matá-lo. Então, o rei colocou sua filha e uma ama trancadas uma câmara de bronze subterrânea. Zeus penetrou esta inviolável câmara e engravidou a princesa. No dia em que teve conhecimento do neto (Perseu) o rei mandou matar a ama e fechou mãe e filho num cofre de madeira e os lançou no mar. Díctis, um pescador, que era humilde apesar de ser irmão do rei Policidectes, resgatou, conduziu e sustentou Dânae e Perseu, que cresceu alto, esbelto e destemido. O rei tirano Policidectes apaixonado pela mãe, vendo no filho um empecilho, um dia os convidou eles para jantar, e no curso do mesmo perguntou qual seria o presente que os amigos lhe desejavam oferecer-lhe. Então, Perseu perguntou ao Rei se ele desejaria a cabeça da Medusa, o que prontamente aceitou.

Geralmente, são descendentes de uma mortal com um deus, a criança (herói) tem além dos pais carnis, dois padrinhos que devem cuidar da saúde espiritual da criança.

O conceito de *areté* está associado ao termo **timé**. Brandão nos elucidada que “apesar de haver nascido com uma **timé** e uma *areté* especiais, o herói terá que preparar-se para a execução de suas magnas tarefas. É precisamente a esse preparo que se dá o nome de educação do herói.” (BRANDÃO, 1993, p.25). A palavra que melhor traduz termo *timé* (τιμή) é honra, o que vemos no desentendimento entre o comandante Agammenon e o herói Aquiles, em que a *timé* do herói foi humilhada. Aquiles, é, sem dúvida, um dos grandes exemplos da *areté* grega, isto é, ele é o exemplo vivo, que alimentou e traçou um padrão a ser alcançado pelas gerações de homens futuras.

Assim, desde os tempos homéricos a figura do herói povoa o imaginário da cultura ocidental e de muitos outros povos, que nos leva a considerar as suas histórias estruturalmente. Não seria mais simples dizer que o herói, seja ele de procedência mítica ou histórica, seja ele de ontem ou de hoje, é simplesmente um arquétipo que ‘nasceu’ para suprir muitas de nossas deficiências psíquicas? De outra maneira, como se poderia explicar a “similitude estrutural de heróis de tantas culturas primitivas que, comprovadamente, nenhum contato mútuo e direto manteve entre si?” (BRANDÃO, 1993, p. 2)

Com este percurso pudemos estruturar formação dos valores do povo grego e dos seus princípios ilustrados pelo conceito de *areté*. Tratamos sobre os termos *timé* e *hýbris*, encontrados na figura de Aquiles e incorporados pelos homens enquanto valores de uma cultura aristocrático-cavaleiresca, uma moral guerreira, uma vez que, este é o objetivo de Homero, ao descrever estes ideais que são esperados dentro do campo de batalha.

Agora, nos cabe estabelecer as analogias com outro herói que advém de outra forma de narrativa, mais contemporânea, a das histórias em quadrinhos. Uma narrativa fictícia por meio da figura do Superman.

2.2 As Virtudes Em Superman.

⁴ Algo de semelhante acontece com Hércules que é filho de Zeus com Alcmena. O Zeus aproveitou-se da saída de Anfitrião (marido da rainha Alcmena) que havia saído para vingar os irmãos, que foram mortos, e se metamorfoseou em Anfitrião, enganando assim Alcmena que até então acreditava que fosse seu marido. Com tantas noites de amor Alcmena concebeu dois filhos um de Zeus, Hércules; e um de seu marido, Íficles. Hera cheia de ciúmes e ira mandou Ilítia à deusa dos partos que retardasse o máximo possível para que primo do filho de Alcmena nascesse primeiro e assim fosse o rei de Micenas. Zeus arquitetou para que o filho pudesse iniciar sua imortalidade, cujo qual precisava sugar leite dos seios divinos de Hera. A educação de Hércules deu início em casa sendo seu primeiro mentor Anfitrião, no qual, costumava ter um comportamento indisciplinado e temperamental, ao contrário de seu irmão, e com isso, anfitrião o colocou no campo com o intuito dele cuidar do rebanho. Aos dezoito anos o jovem chegava aos seus três metros de altura, e foi com esta idade que Hércules realizou sua primeira grande façanha que foi caçar o leão do monte Citerão.

Jerry Siegel e Joe Shuster são os criadores de um dos personagens mais conhecidos dos quadrinhos da cultura ocidental: Superman. Publicado pela DC Comics, uma empresa filiada a Time Warner. A primeira narrativa do herói foi em 1938 na **Revista Action Comics 1**. Depois de um ano, o super-herói passa a ter uma Revista com o seu próprio nome – **Superman 1**. Sua popularidade se estendeu ao longo dos anos e suas histórias passaram a ser narradas por outras mídias: cinema, rádio e televisão, claramente encantando o público.

De acordo com Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados*, Superman veio de Crípton⁵ seu planeta de origem, prestes a ser destruído por uma explosão. Enviado por sua mãe (Lara-EI) e seu pai (Jor-EI), um hábil cientista, conseguiu enviar seu filho ainda bebê à Terra através de um veículo espacial.

A espaçonave aterrissa na cidade Smallville nos Estados Unidos. Kal-EI nome escolhido por seus progenitores, foi adotado e cuidado pelo casal Jonathan e Martha Kent, cujo quais seus pais adotivos lhe deram o nome de Clark Kent. Conforme crescia descobria suas habilidades e poderes sobre-humanos, como por exemplo, sua super-força, praticamente ilimitada, a habilidade em poder usar raio laser e sua visão raio X. Além disso, ele “pode voar no espaço a uma velocidade igual à da luz, e quando ultrapassa essa velocidade, atravessa a barreira do tempo e pode transferir-se para outras épocas.” (ECO, 1998, p.247). No entanto, se torna vulnerável quando exposto a um mineral verde, a Kryptonita.

Clark recebeu de seus pais adotivos uma educação que o incentivou a primar por valores virtuosos. Já mais velho, o super-herói decide se mudar para uma cidade maior – Metrópolis e passa a trabalhar no Planeta Diário, onde conheceu Lois Lane, seu grande amor.

O herói possui duas identidades: a de jornalista que atende pelo nome Clark Kent, e a de super-herói Superman, com a finalidade de preservar sua família e amigos. Nosso super-herói possui um grande arqui-inimigo, Lex Luthor, um bilionário, possuidor de uma grande empresa, a LexCorp e dispõe de toda sua riqueza em favor da conquista de mais poder.

Também vale mencionarmos o General Zod que pretende destruir a Terra para transformá-la em uma nova Crípton. Possui praticamente os mesmos poderes que nosso super-herói e portador de estratégias militares de sua antiga carreira. Metallo também é um arquiinimigo do Superman. Após um acidente, John Corben é restaurado pelo cientista

⁵ O autor utiliza o termo Crípton. Contudo, a grafia mais conhecida é Krypton. Optamos seguir a de Eco.

Emmet que injeta Kryptonita em seu corpo, transformando-o em um ciborgue. Metallo passa a viver uma vida de crimes, após matar Emmet.

Desde a primeira aparição de Superman nos quadrinhos, inúmeras aventuras já foram trilhadas, bem como produções fílmicas renderam grande bilheteria.

2.3 – Um Estudo Comparativo Entre Aquiles E Superman.

Dentro do nosso estudo comparativo, pudemos levantar algumas semelhanças encontradas entre as narrativas míticas e fictícias - entre o herói grego Aquiles e o contemporâneo, o Superman. Em primeiro lugar, ambos **não são humanos** - Aquiles possui ascendência divina, pois sua mãe é uma deusa e Superman veio de outro planeta, Crípton. São dotados de força ditas como sobre-humanas e praticamente invulneráveis. Todavia, cada um possui uma **fragilidade física extremamente específica**: em Aquiles, seu calcanhar e a Kryptonita, um mineral, para Superman.

Aquiles é o herói-protótipo da **areté**, ou seja, ele é o exemplo vivo do que significa *areté*, uma vez que, suas habilidades bélicas e sua força são postas em prática em defesa de seu próprio nome, para sua autoglorificação e de sua estirpe. Seus feitos são testemunhados por todos os gregos presentes na Guerra de Tróia, e seu nome, torna-se imortal pela rememoração de sua bravura pelas gerações posteriores.

Deste modo, o herói Aquiles garante a imortalidade de seu nome e atinge o ideal de homem grego, conforme vimos nas considerações de Jaeger, fazendo de sua existência uma obra-de-arte: a 'sua beleza'. Sua figura conclama todos os homens a fazerem o mesmo. O propósito de Homero é oferecer um herói que sirva para as futuras gerações como uma referência a ser seguida, e alcançada.

Já o herói contemporâneo é dotado de poderes obviamente. Contudo, Superman não age para autoglorificação como Aquiles e muito menos procura remontar ou superar os feitos de seus ancestrais. Aqui é justamente onde existe essa diferença crucial entre os dois heróis. O termo *areté*, é forjado desde o período homérico e se concretiza em Aquiles, enquanto o posicionamento de Superman se encontra mais alinhado, ao nosso ver ao ideal de educação grega, a Paideia, na qual, ocorrida no período clássico. O conceito de *areté* não prescinde da força física, da destreza e da bravura, mas incorpora outro termo: **Kaloskagathia**, essa palavra é uma junção dos termos *kalós* (belo) *kai* (e) e *agathós* (bom). As qualidades de *kaloskagathos* é ser bom e belo tanto na parte física quanto em sua retidão e conduta moral, estabelecendo-se assim uma associação ao belo e bom.

Diante disso, Superman não é apenas detentor de um belo corpo, em que, potencializa suas habilidades e força, mas comporta de modo diferenciado de Aquiles que age para sua própria autoglorificação, o herói contemporâneo age moralmente em prol da humanidade, sem querer nada em troca. Algo que, o autor Joseph Campbell, expõe em seu livro intitulado *O Poder do Mito*⁶, “o herói é alguém que deu a própria vida por algo muito maior que ele mesmo” (CAMPBELL, 2001, p.131).

Vale ressaltarmos que, tanto Aquiles quanto Superman **não se abstém da ação**, mesmo em situações complicadas e delicadas, enquanto a maioria dos homens desistiria de enfrentar determinados desafios. Para os heróis, os empecilhos sevem de grande estímulo que potencializam sua *areté*. Evidentemente que possuem medo, como por exemplo, Heitor que mesmo sabendo de que seu enfrentamento com Aquiles o levaria a ruína, mesmo assim, ele o fez. Aquiles não desiste da guerra, mesmo sabendo que também seria abatido após a morte do príncipe de Tróia. Superman também não deixa de enfrentar Apocalipse, mesmo sabendo do grande perigo que corria. E com isto, ao exigirem mais de si mesmos, eles alcançam a beleza e o mérito que tanto anseiam.

Para ambos, **a honra (*timé*) não é desprezada** em momento algum. Quando a honra de Aquiles foi humilhada por causa do desentendimento com Agammenon, ou seja, foi a *timé* individual que foi rebaixada, clama aos deuses pela oportunidade de redimi-la. No âmbito da esfera coletiva, o herói teme não ser digno de lembrança e ser esquecido pelos seus. Logo, é a honra que garante que o herói tenha seu próprio valor distinguindo-se assim de homens comuns.

E como já mencionamos aqui, Aquiles chama para si esta reputação, uma vez que, era assim que se configurava o ideal de herói em seu tempo. Em Superman a sua fama é colocada em segundo plano, posto que ele não age com a intenção de obtê-la, contudo, decorre de seus feitos. Superman não pode ser comprado por nada e por ninguém, pois unicamente age para ajudar o mundo e ao próximo, servindo de inspiração para todos os seus leitores. Sua presença torna-se encorajadora.

Ao tomarmos pontualmente o rigor do conceito, pudemos observar que na filosofia clássica, que o conceito de **areté** sofre modificações. Embora Sócrates enfatize a coragem do herói grego, conforme vimos, a filosofia socrático-platônica impõe uma alteração – não basta ter força, coragem, destreza física, se a alma não for, pela ascese, tornada bela também por meio da virtude. E a partir daqui, encontramos a Paideia – um ideal de educação estruturante da cultura ocidental.

⁶ O livro *O Poder do Mito* é fruto de uma série de conversas mantidas entre o autor e o renomado jornalista Bill Moyers.

Neste sentido, Superman alia, dentro da narrativa ficcional, o ideal grego de **Kaloskagathia**.

O jornalista Bill Moyer realiza o seguinte questionamento a Joseph Campbell, “Em suma, o heroísmo tem objetivo moral? (CAMPBELL,2001, p.135). E, prontamente Campbell o responde: “o objetivo moral é de salvar um povo ou uma pessoa, ou defender uma ideia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa.” (CAMPBELL,2001, p.135). As narrativas míticas, em grande parte, correspondem à afirmação de Campbell. Encontramos em Brandão a etimologia da palavra herói: “o significado da palavra herói consiste em ser “o guardião, o defensor, o que nasceu para servir.” (BRANDÃO,1993, p.15). As causas pelas quais os heróis entram em combate ou servem, como Hércules e Perseu à determinadas pessoas, cumprindo suas ordens, em nada lhes tira o mérito, pois cumprem com perfeição aquilo a que se propuseram fazer. No entanto, em Superman encontramos as virtudes expostas no ideal clássico, nele encontramos um agir desinteressado, sem qualquer vínculo com interesses outros que não o bem da humanidade como um todo.

Outro ponto de nosso estudo comparativo reside sobre a **dupla identidade**. Aquiles jamais se escondeu, forjando uma dupla identidade. Pelo contrário, nos ideais de homem de seu tempo, potencializar-se com seus feitos, é poder ser lembrado pelas gerações posteriores, o que lhe garante a imortalidade. É importante frisarmos que o referencial sobre a vida após a morte é completamente outro. A vida no Hades é empobrecida, de modo que o que importa é levar ao máximo uma existência gloriosa. Robinson nos explica:

É manifesto que, para os gregos antigos (tal como retratado, por exemplo, nas obras de Homero), o corpo consistia no eu ‘real’ do indivíduo. Pode ser que seu princípio vital (literalmente, ‘vida’, *psyche*) tenha sido considerado diferente do corpo e até sobreviver à morte deste, mas isso era um consolo pequeno; o que sobrevivia, o fazia num estado miserável e indesejável no Hades, não importado a virtude da vida do indivíduo sobre a terra. Pelo sexto século, com o advento do orfismo em certos setores do pensamento grego, a *psyche* começava a ser vista com mais direitos do que o corpo à denominação de ‘eu’ real do indivíduo. Não somente se achava que sobrevivia ao corpo, julgava-se que, por seu meio, somos vivos, fisicamente e enquanto agentes racionais e, portanto, responsáveis (Heráclito, fr. 107, 118 DK). E seu estatuto ontológico era tal, que ela era o objeto potencial da recompensa ou punição eterna pela qualidade da vida vivida, sendo a existência corporal relegada ao estatuto de alguma forma de estação temporal. (ROBINSON, 1998, p. 335\336)

Em outro contexto, Superman adota uma dupla identidade - Clark Kent é um repórter que trabalha em um jornal, possui suas responsabilidades, é cobrado pelo seu chefe etc. Podemos atestar que a identidade de homem comum é praticamente irrelevante quando comparada à do super-herói, explícita, por exemplo, em *Batman Vs Superman: A Origem Da*

Justiça (2016). Kent quer fazer uma matéria sobre o Batman como sendo um justiceiro e seu chefe lhe diz: “ninguém está interessado em Clark Kent brigando com o Batman”.

Esta questão pode ser desdobrada em outras ramificações: por um lado, podemos investigar se a adoção da dupla identidade de Superman, o aproxima de seus leitores. Neste quesito, Umberto Eco atesta que nós, leitores, depositamos todas as nossas esperanças no Superman e todas as nossas frustrações na identidade de Clark, pois afinal de contas, ele é só mais um homem comum exercendo sua profissão com todas as suas agruras. Haveria, portanto, uma identificação dos leitores com sua condição humana e aos limites de sua ação:

Em uma sociedade particularmente nivelada, onde as perturbações psicológicas, as frustrações, os complexos de inferioridade estão na ordem do dia a dia; em uma sociedade industrial onde o homem se torna número no âmbito de uma organização que decide por ele, onde a força individual, se não exercitada na atividade esportiva permanece humilhada diante da força da máquina que age pelo homem e determina seus movimentos mesmos do homem – numa sociedade de tal tipo, o herói positivo deve encarnar, além de todo limite pensável, as exigências de poder que o cidadão nutre e não pode satisfazer. (ECO, 1998, p. 246).

Ora, tal identificação com Clark Kent se impõe, segundo Eco, a partir da sujeição dos indivíduos a um sistema calcado na exploração, de modo que suas potencialidades são cada vez mais inibidas, acabando por desconhecê-las. Podemos elencar diversos fatores, já levantados por Negt no início deste texto - o desemprego crescente devido ao processo de desindustrialização, o desespero causado pela complexidade da vida contemporânea, o avanço do niilismo, a degradação irreversível do meio ambiente, a corrosão moral das figuras públicas. Além disso, há também um fator que não pode ser negligenciado: a crescente implantação de uma educação de caráter neoliberal que visa reproduzir do *status quo*, fabricando corpos dóceis, conformados e aptos ao trabalho. De acordo com Foucault, em *Vigiar e Punir*: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p.134).

Segundo Campbell: “Primitivamente, porém o mundo em que o herói se movia não era um mundo mecanicista mas um mundo vivo, que correspondia às suas expectativas espirituais. Atualmente, ele se tornou um mundo tão absolutamente mecanicista (...) banuiu da vida moderna todo livre-arbítrio”. (CAMPBELL, 2001, p.138). A vida contemporânea, a partir dos fatores elucidados, tem desorientado os homens para a ação – em um mundo mecanicista do qual se refere Campbell, não conseguem mais tomar decisões. Moyers corrobora estas ideias, ao enfatizar a impotência das ações:

Ainda assim, me parece plausível que essas histórias de heróis se tornem uma espécie de tranquilizador, invocando em nós a passividade benigna de

contemplar em vez de agir. E o outro lado da moeda é que nosso mundo parece esvaziado de valores espirituais. As pessoas se sentem impotentes. Para mim, esse é o curso da sociedade moderna, a impotência, o tédio que as pessoas sentem, a alienação das pessoas em relação à ordem do mundo ao seu redor. Talvez necessitemos hoje de algum herói que dê sua voz as nossas aspirações profundas. (CAMPBELL, 2001, p.139).

Eco, por seu turno, reitera e acrescenta que precisamos dos heróis para que possamos transferir nossa impotência:

[...] Clark Kent personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezado pelos seus semelhantes; através de um processo de identificação, um *accountant* qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade (ECO, 1998, p. 248).

A identificação do leitor com Clark Kent, aos olhos destes autores se torna inevitável, pois o nosso herói enquanto trabalhador está inserido neste sistema, próximo da vida cotidiana que todos nós vivemos. Segundo eles, nós, leitores, acabaríamos por depositar nossas esperanças no Superman. O herói, de alguma maneira, faz emergir e dar voz às nossas aspirações mais profundas, pois algo reside em nosso espírito: um clamor que levantamos em silêncio por maior dignidade e justiça, uma maneira de escapar à impotência que o sistema imputa, uma ruptura, ainda que por alguns instantes, do amortecimento e amordaçamento que a rotina impõe.

Cabe também mencionarmos que nas narrativas ficcionais, Superman não é o único a possuir uma dupla identidade: Bruce Wayne (Batman), Tony Stark (Iron man), Peter Parker (Spider-man) etc.

Avançando em nossa pesquisa, chegamos então a nos perguntar por que não poderiam surgir heróis a partir de nossa própria condição humana? Isto é, dentro de nossas possibilidades, não poderíamos também nós, nos tornarmos heróis?

O que pode nos estimular a alcançarmos tal estatuto é aventarmos a possibilidade de que não apenas nós, e especialmente os jovens, na falta de outras referências, podemos nos valer das narrativas homéricas e fictícias para ações dignificantes. Elas suscitam admiração - inspiram a imitação, estimulam a superação de barreiras e medos, convidam a fazermos o mesmo. Diante de um cenário complexo que apresenta referências ambíguas, as narrativas ficcionais deste gênero podem se tornar valiosos recursos pedagógicos: na promoção de valores significativos em prol do autoconhecimento e de promoção da vida.

A presença do herói é uma necessidade do espírito que atravessa os séculos. A respeito disso, Moyers questiona Campbell se um filme como *Guerra nas Estrelas* corresponde à necessidade de um modelo de herói. Então, o autor o responde: “todos

precisavam que o idealismo lhes fosse lembrado, todos queriam ver a história baseada em desprendimento, não em egoísmo” (CAMPBELL, 2001, p.153)

Embora Campbell esteja falando de *Guerra nas Estrelas*, a transposição é válida, pois os super-heróis dos quadrinhos, e Superman, de modo especial, apresentam virtudes altruístas, buscando apenas o bem de toda a população, não perseguem nem a fama ou a glória, diferentemente de Aquiles.

Das revistas em quadrinhos às aventuras proporcionadas pelo cinema, o fato é que tanto em uma modalidade quanto na outra, as narrativas fictícias são produções de grande sucesso da ‘indústria cultural’. Este é um conceito (*Kulturindustrie*) criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer para designarem a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Os filósofos alemães, membros da escola de Frankfurt, forjaram este conceito apresentado pela primeira vez em *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947. Essencialmente, a indústria cultural idealiza produtos que são adaptados ao consumo das massas, podendo determiná-lo trabalhando sobre o estado de consciência e inconsciência das pessoas, influenciando o seu comportamento. Além disso, este conceito dá grande ênfase ao lucro obtido por meio do consumo das massas, ou seja, por meio de ‘ilusões’ e artifícios cuidadosamente elaborados para seduzir o público.

Entendemos que, embora as narrativas fictícias tenham se tornado produtos da indústria cultural, com retornos bilionários dos investimentos realizados - como por exemplo, no filme do *Batman Vs Superman: A Origem Da Justiça*, no qual, o filme teve um gasto de cerca de 250 milhões de dólares e arrecadou mais de 800 milhões de dólares - isto só acontece, porque, de fato, o público anseia, mesmo em pleno século XXI, pela figura do herói que permanece como o modelo de um ideal de homem que não deve ser esquecido.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou evidenciar a permanência do mito do herói que se faz presente desde o período homérico na Grécia. Em Homero, o conceito de *areté* é entendido como força, habilidades física e bélica, sabedoria, destreza e persuasão. Associado a este, há a *timé* (honra), exemplificadas pelas ações de Aquiles e Heitor. As narrativas homéricas serviram de exemplo vivo, traçaram um patamar a ser alcançado e buscado pelas gerações futuras, na expectativa da realização desse ideal de homem.

Em um segundo momento, evidenciamos a vida e os principais inimigos do Superman como representante da narrativa fictícia presente em nosso tempo. Em seguida, em nossos estudos comparativos buscamos compreender os pontos de convergência e de

ruptura entre as narrativas míticas e ficcional. Detectamos uma alteração no conceito de *areté* ocorrida no período clássico, em especial, a partir do fenômeno socrático-platônico, modificando a moral guerreiro-cavaleiresca dada anteriormente por meio do conceito de *kakoskagathia*, que significa belo e bom. É com base nesta alteração que dispomos o principal ponto de ruptura entre Aquiles e Superman.

Seguimos com nossa investigação, ao levantarmos a pertinência ou não da presença dos super-heróis na contemporaneidade e se eles ainda podem promover um caráter educativo na vida dos jovens. Embora os autores aqui trabalhados realcem uma fragmentação decorrente da adoção da dupla identidade do herói, impedindo-os de agir e transferindo seus anseios para quando o herói se revela, nós discordamos deste posicionamento. Em nossa opinião, o sentimento de impotência e a falta de ação dos homens não são decorrentes da dupla identidade do herói, mas antes de um sistema cruel e excludente que os ensina desde cedo a se resignarem, que não estimula o desenvolvimento de suas potencialidades. Clark Kent, é apenas o lado manifesto de um potencial que abrigamos, o de super-homem. Estas narrativas permitem traçarmos uma correspondência entre aquilo que somos e aquilo que podemos ser.

Neste sentido, a leitura deste tipo de narrativa num cenário esvaziado de grandes ideais, pode servir, se bem estimulado, como um recurso pedagógico. Os jovens podem vir a se enxergar no personagem. Para afirmarmos, a importância da vida dupla do herói, recorremos a Bezerra:

Superman só vem a ser mito quando inserido na vida cotidiana, no presente, conectado às mesmas circunstâncias de vida ou de morte, mesmo que dotado de habilidades supra-humanas. Um Superman não é imortal, se o fosse não seria mais homem, e sim uma deidade com a do panteão; fora que o reconhecimento do público-alvo com Clark Kent, sua identidade secreta cairia por terra. (BEZERRA, 2016, p. 28)

Não foi possível, no espaço destinado para este trabalho, discorrermos de modo mais aprofundado sobre o conceito de indústria cultural. Sabemos que o retorno dos investimentos destas produções é bilionário e não podemos nos eximir disso.

No entanto, para além da indústria cultural, a produção em HQ ou em películas fílmicas não deixam de ser linguagens, ou seja, comunicam. Campbell, a propósito de *Guerra nas Estrelas*, afirma: “Bem, como você vê, o filme comunica. É concebido numa linguagem que fala aos jovens, e isso é o que conta. Ele pergunta: Você será uma pessoa de coração, verdadeiramente humana – porque é daí que a vida provém, do coração.” (CAMPBELL, 2001, p.153)

O cinema pode proporcionar aprendizados, pois se comunica de forma simples e rápida com os jovens. “Como o livro, o cinema tem o poder extraordinário, próprio da obra de arte, de tornar o presente o ausente, próximo o distante, distante o próximo, entrecruzando realidade e irrealidade, verdade e fantasia, reflexão e devaneio.” (CHAUÍ, 2000, p.428)

Ora, se tal premissa for verdadeira, é possível aventarmos a ideia de que o Superman com seus valores, um verdadeiro *Kaloskagathos*, derrama com suas ações rastros de valores a serem imitados por todos os homens, em maior ou em menor esfera, em ruptura com o sentimento de impotência e de apatia diante dos eventos do nosso cotidiano. Em face do exposto, nos sentimos impelidos a nos questionar: o quanto temos nos afastado da Paideia grega? O fato é que ainda não podemos prescindir da figura dos heróis, sua permanência mantém acesa a chama de ideais que devem ser perseguidos por todos nós.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, Theodoro; HORKHEIMER, Max. **Dialética Do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BATMAN, vs Superman: a origem da justiça. Direção: Zack Snyder. Produção: Charles Roven, Deborah Snyder. Intérpretes: Ben Affleck, Henry Cavill, Jesse Eisenberg. Roteiro: Chris Terrio, David S. Goyer. Fotografia de Larry Fong. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2017. DVD.
- BEZERRA, Luiz Gustavo de Sá. *A leitura da Jornada do herói em Grandes Astros Superman*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e interculturalidade – PPGLI) – Universidade da Paraíba, Campina Grande. 2016. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2445/2/PDF%20-%20Luiz%20Gustavo%20de%20S%C3%A1%20Bezerra.pdf> acesso 20/abr/2020
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega E Latina**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athenas, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite À Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos E Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- HOMERO. **ILÍADA**. São Paulo: Hedra, 2011.
- JAEGER, Werner. **PAIDÉIA: A Formação Do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MURARI, Juliana Christina; PEREIRA MELO, Joaquim José. *A Poesia Homérica Como Instrumento Educador Fundamental Na Grécia Antiga*. Seminário de Pesquisa PPE. Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2009/36.pdf acesso 31/08/2021.
- NEGT, Oskar. **Cidade e Cultura: Esfera Pública e Transformação Urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PLATÃO. Apologia de Sócrates in. **DIÁLOGOS**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

ROBINSON, Thomas A. *As Características Definidoras Do Dualismo Alma-Corpo Nos Escritos De Platão*. In **Letras Clássicas**, N. 2, 1998, p. 335-356. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73743> acesso 20\ago\2020

SILVA, Bruna Moraes. *Identidades e Alteridade Guerreiras: Uma análise comparada entre Homero e Eurípedes*. In **Revista Hélade**, v. 3 n. 2, 2017, p. 59-76. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/10974> acesso em: 20/ago/2020

VIEIRA, Paulo Eduardo. *A Gênese da Educação Grega: da areté homérica à Paideia clássica*. In **Revista Filosofia E Educação**, v.10 ,n. 1, 2018, p.166–183. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652004> acesso 22\abr\2020

Contatos: jennifer.andresa.cabrera@gmail.com e angelazamoracilento@gmail.com